

PSB transita à direita pela 1ª vez desde sua fundação, há 67 anos

Aliança firmada com o PSDB na esfera federal divide opiniões no partido, que excluiu opositores da Executiva nacional

João Domingos / BRASÍLIA

Sem Eduardo Campos, morto em agosto quando conduzia um partido em ascensão nos últimos anos, o PSB ensaia agora pela primeira vez uma trajetória à direita do espectro político desde sua fundação em 1947. Alegenda, que desde a redemocratização viveu sob a órbita do PT, a quem apoiou em cinco das seis últimas eleições presidenciais e integrou sua base aliada em 11 dos 12 últimos, se apresenta pela primeira vez como aliado do PSDB.

Nesta semana, com ampla maioria, o partido decidiu apoiar no 2.º turno o candidato Aécio Neves (PSDB) contra a presidente e candidata à reeleição Dilma Rousseff (PT). Foram 21 votos pró-tucano, 7 pela neutralidade e um pró-Dilma. Depois, articulou sua sucessão interna de modo que os que se posicionaram contra o apoio a tucano ficassem excluídos da Executiva nacional.

● Pontos de vista

“É um erro histórico”

Roberto Amaral

PRESIDENTE INTERINO E LÍDER HISTÓRICO DO PSB SOBRE O RISCO DE O PARTIDO FICAR REFÉM DO PSDB

“A aliança (com o PSDB) não é para tornar o PSB submisso, porque isso não aceitaremos”

Júlio Delgado

PRESIDENTE DO PSB EM MINAS GERAIS

De quebra, iniciou conversas com tucanos para ser braço de apoio ao PSDB em uma eventual base aliada de Aécio; ou uma oposição a Dilma, se ela for reeleita.

Um dos que lideraram o partido neste movimento, o presidente do PSB em Minas Gerais, deputado Júlio Delgado, diz que a mudança é um momento histórico. “Nunca antes havíamos ficado com o PSDB contra o PT”, disse, ressaltando não se tratar de submissão aos tucanos. “O Aécio disse muito claramente que a aliança não é para tornar o PSB submisso, porque isso não aceitaremos. Nós o apoiamos no 2.º turno porque ele representa a possibilidade de mudança, o que era defendido por Eduardo Campos.”

O próximo presidente do partido, Carlos Siqueira, que coordenou a campanha de Campos até a sua morte em 13 de agosto, diz que a legenda continuará a perseguir o socialismo. “Eventual apoio ao PSDB não passa de um

eventual apoio, como apoios já foram firmados antes com o PT.”

Campos fazia um jogo político – e assim fez o partido crescer – situando-se em âmbito nacional com o PT e liberando a sigla para apoiar o PSDB ou quem estivesse no poder em nível regional. Essa fórmula se rompeu depois que ele decidiu se candidatar a presidente. O partido se viu sem um líder capaz de manter esse jogo.

Para o presidente interino do PSB e líder histórico do partido, Roberto Amaral, o desafio sem Campos é muito grande. Ele atribui o problema a uma característica brasileira, em que os partidos quase sempre dependem de uma grande liderança. “A péssima tradição brasileira é que todo partido tem de ter uma liderança messiânica. Foi assim com Miguel Arraes e Eduardo Campos. E não é nenhuma novidade dizer que Lula é maior que o PT.” Ele teme que o PSB seja refém dos tucanos. “Por isso, propus que o partido ficasse neutro no 2.º turno. Em vez disso, estamos querendo ressaltar nossa aproximação com o PSDB. É um erro histórico.”

Para a deputada Luiza Erundina, ligada à ala esquerda do partido, o PSB precisa encontrar a forma de sobreviver sem Campos, sem cair nas amarras do PSDB. “Temos legado, história e construção coletiva. Temos experiência de gestão. Esse é o nosso desafio, sobreviver no campo socialista no qual estamos há mais de 70 anos. A trágica morte de Campos nos traz essa responsabilidade.”